

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Agatha Barbosa de Carvalho

**UTOPIA E HISTÓRIA: A ALUSÃO AO TOTALITARISMO E A PERDA DO EU NAS OBRAS DE  
FICÇÃO-CIENTÍFICA DISTÓPICAS.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Raul Francisco Magalhães.

Juiz de Fora  
2024

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Agatha Barbosa de Carvalho**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número **202073146A**, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Utopia e História: A Alusão Ao Totalitarismo E A Perda Do Eu Nas Obras de Ficção-Científica Distópicas.**, desenvolvido durante o período de **19 de Março de 2024 a 27 de Setembro de 2024** sob a orientação de **Raul Francisco Magalhães**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_30\_\_ de \_Setembro\_ de \_\_2024\_\_.

---

**Agatha Barbosa de Carvalho**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# UTOPIA E HISTÓRIA: A ALUSÃO AO TOTALITARISMO E A PERDA DO EU NAS OBRAS DE FICÇÃO-CIENTÍFICA DISTÓPICAS.

Agatha Barbosa de Carvalho<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, discutimos de maneira sucinta a literatura de ficção científica, com enfoque especial no subgênero distopia. Possuindo o intuito de desvendar as características que o definem, adotei uma abordagem abrangente, baseada em uma extensa pesquisa bibliográfica que inclui livros, artigos e resenhas. A pesquisa explora brevemente as representações de sociedades distópicas em obras consideradas clássicas dentro desse campo literário, o qual, têm como principal intuito a análise de temas relacionados ao totalitarismo e suas implicações sociais, políticas e filosóficas. O estudo buscou compreender como os autores dessas obras extrapolam as realidades respectivas de seu cotidiano refletido em suas criações, para especular sobre futuros sombrios e as consequências de sistemas totalitários aos quais estão inseridos fora de suas obras, em seu contexto histórico. A análise crítica dessas fontes bibliográficas oferece perspectivas valiosas sobre as preocupações contemporâneas refletidas na ficção, destacando, assim, a relevância na reflexão sobre as dinâmicas sociais e políticas. Com isso, no decorrer do texto pretende-se não apenas analisar a superficialidade dessas tramas, mas também subjetivar suas representações e reflexões sobre a atualidade. Este artigo visa proporcionar uma compreensão complementar da dinâmica entre literatura, história e sociedade, enriquecendo os debates sobre o papel da ficção na construção e desconstrução de ideais sociais.

*Palavras-chave:* Ficção-Científica. Distopia. Literatura. Totalitarismo.

## 1. INTRODUÇÃO:

Este artigo teve como objetivo compreender o conceito de distopia na ficção científica, destacando como essas narrativas criticam as tendências sociais, culturais, políticas e tecnológicas da sociedade contemporânea. No presente trabalho, discutimos como o contexto histórico desempenhou um papel na formação de obras clássicas, explorando principalmente os trabalhos de Aldous Huxley "Admirável Mundo Novo" e George Orwell "1984". Ao contrário das utopias, que traçam um horizonte ideal livre de corrupção prejudicial, as distopias abordam inevitavelmente as consequências adversas de escolhas equivocadas e sistemas corrompidos. As criações literárias produzidas no recorte entre 1930 e 1955, por exemplo, refletem o período marcado por inquietações políticas.

Temos como objetivo compreender os elementos dessas narrativas que ultrapassam as fronteiras do mundo fictício, moldando as possíveis condutas e perspectivas futuras e atuais da sociedade. As distopias muitas vezes surgem de ideais utópicos e, paradoxalmente, desenvolvem-se como uma manifestação da falta de sentido. No entanto, foi necessário situar estas obras literárias no contexto do seu período histórico e compreender a sua relação com fatos específicos teóricos das ciências humanas.

Apresentamos, portanto, a distopia e a utopia como gêneros literários, estudando a sua evolução na era pós-moderna, na qual, por exemplo, Zygmunt Bauman, oferece percepções valiosas sobre a liquidez das relações sociais presentes entre a ficção científica e o estigma dos vestígios da modernidade. Além

---

<sup>1</sup>Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: agatha.barbosa@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Raul Francisco Magalhães.

disso, durante nossa análise, investigamos temas recorrentes em distopias como autoritarismo, desigualdade social e manipulação da verdade. Procuramos compreender que estas narrativas não só refletem um lado mais sombrio da realidade, mas também nos alertam para os perigos de ignorar os sinais de alerta existentes nas nossas ações e decisões como indivíduos dentro de uma sociedade.

## 2. UTOPIA E A NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO UTÓPICA:

A utopia é, segundo o conceito literário, um gênero dedicado à representação de um mundo ideal, caracterizado pela harmonia social, estabilidade e ausência de problemas, bem como qualquer tipo de conflito social. Esse termo foi criado por Thomas More em 1516, em sua obra homônima principal "Utopia". De acordo com o Dicionário Online de Português, (UTOPIA, 2024) "derivada do latim moderno, possui a origem em grego, 'tópos' significa lugar e o prefixo 'u' tende a ser empregado com significado negativo, de modo que utopia significa *não lugar* ou *lugar nenhum*".

O conceito de utopia acaba não só por definir a realidade ficcional onde se passa o futuro da história de Morus, mas também passados mitológicos onde as piores características da psique humana não afloraram, características que dificultariam uma relação pacífica e igualitária em um espaço de convivência, somadas a uma abundância de recursos, ou experiências estéticas sublimes, onde há belezas indescritíveis. Utopias de novos mundos, de um mundo pré-civilização europeia e seus valores e morais, utopias nacionais, utopias transnacionais unificadoras... incontáveis imagens de futuros ou passados de uma ordem orgânica, contínua, fora do tempo, pois eterna. É inumerável a quantidade de produções culturais sob diferentes formas (artísticas) que aqui podem ser citadas e que carregaram consigo o adjetivo "utópicas". (TONIN, 2015, p. 47)

Por sua vez, essas utopias podem ser classificadas em dois aspectos distintos: positivos, que descrevem um mundo perfeito e ideal, e negativos, mostram uma realidade distópica e problemática. Ambos, além de serem uma fiel expressão da arte, servem como ferramentas de crítica social e política, fornecendo informações sobre como a vida em sociedade pode ser melhor organizada e identificando os principais desafios que devem ser enfrentados.

"Se a arte fosse apenas uma utopia, isto é, algo que escapa a qualquer realização, hoje essa utopia estaria plenamente realizada através da mídia, da informática, do vídeo, pois todo o mundo tornou-se potencialmente criativo" e explica que o virtual "em sua acepção mais usual se opõe ao real, mas sua súbita emergência, pelo viés das novas tecnologias, dá a impressão de que, a partir de então, ele marca a eliminação, o fim desse real. (BAUDRILLARD *apud* COUTINHO, 2008, p. 16).

Entre as características primárias das utopias destacam-se a igualdade social, a ausência de conflitos, a inexistência da propriedade privada, a universalização da educação e a preservação da liberdade individual. Estas características são frequentemente exploradas em obras de ficção científica, que especulam sobre um futuro distante em que a humanidade leva uma existência utópica. Ademais, podemos encarar essa filosofia de modo mais prático e conciso, podendo possuir uma

representação imaginada de uma sociedade que se opõe à existente a) pela organização outra da sociedade tomada como um todo; b) pela alteridade das instituições e das relações que compõem a sociedade como um todo; c) pelos modos outros segundo os quais o cotidiano é vivido. Essa representação, menos ou mais elaborada nos detalhes, pode ser encarada como uma das possibilidades da sociedade real e leva à valorização positiva ou negativa desta sociedade (BACZKO, 1978, p. 405 *apud* CHAUI, 2008, p. 7).

Passado o momento de fantasia, na pós-modernidade encaramos a desilusão com o futuro, cuja combinação com o medo do desconhecido, nos leva a olhar para trás com saudade, idealizando um passado que talvez nunca tenha existido realmente. Esse fenômeno é o que Bauman chama de *retrotopia*<sup>2</sup>. É como se Bauman estivesse dizendo que, como resultado do fim do pensamento utópico, embora com todos os seus riscos, estamos agora em uma *retrotopia* baseada na desconfiança e em um retorno a um passado mitificado, que nunca existiu realmente e do qual apenas algumas partes foram selecionadas, em uma reprodução mais imaginária do que real. Bauman argumenta que, enquanto no passado havia crença no progresso e na possibilidade de melhorar os modelos políticos e socioeconômicos vigentes, hoje vivemos em uma era de desconfiança e incerteza.

O que eu chamo de *retrotopia* é um derivativo do que já mencionado segundo grau de negação - a negação da negação da utopia. É um derivativo que compartilha com o legado de Thomas More a fixidez num topos territorialmente soberanos: uma base sólida que, segundo se crê, fornece e otimistamente garante um mínimo aceitável de estabilidade; e, por conseguinte, um grau satisfatório de autoconfiança. Entretanto, a *retrotopia* difere do seu legado ao aprovar, absorver e incorporar as contribuições/correções supridas por seu predecessor imediato: a saber a substituição da ideia de "perfeito suprema" por uma hipótese de incompletude e dinamismo endêmico da ordem que ela promove, permitindo, por conseguinte, a possibilidade (bem como a deseabilidade) de uma sucessão infinita de mudanças posteriores, as quais aquela ideia a priori deslegítima e obstaculiza. Fiel ao espírito utópico, a *retrotopia* deriva seu estímulo da esperança de reconciliar, finalmente, a segurança e liberdade, feito que nem a visão original nem sua primeira negação alcançaram - ou, se tentaram, fracassaram. (BAUMAN, 2017, p. 13).

A análise de Bauman sobre a "retrotopia" se mostra profundamente interessante, é uma resposta à rejeição inicial da utopia e à subsequente negação dessa rejeição. Ela parece oferecer uma resposta à tensão entre descrença no futuro e à sensação de impotência diante das mudanças sociais e econômicas; a busca por estabilidade e a necessidade de mudança contínua, encontrada tanto na literatura de ficção quanto na dinâmica da realidade. Ao olhar para o passado com nostalgia, segundo Bauman, podemos encontrar uma maneira de reconciliar esses impulsos conflitantes, criando um espaço onde o familiar e o idealizado se entrelaçam. Isso nos permite imaginar um futuro que, embora esteja baseado no passado, promete um sentido renovado de propósito e coesão social.

---

<sup>2</sup>“*Retrotopia*”, o último livro publicado por Bauman em 2017, explora o fenômeno atual de busca por um mundo melhor não mais no futuro a ser construído, mas sim em ideias e ideais do passado.

### 3. DISTOPIA, UM REFLEXO EXAGERADO DA HISTÓRIA: *Cremos nas coisas porque somos condicionados a crer nelas.*<sup>3</sup>

Hannah Arendt, Zygmunt Bauman e a ficção científica, embora à primeira vista pareçam dispares, se entrelaçam em uma profunda análise da condição humana na modernidade e suas projeções para o futuro. Através de suas lentes distintas, podemos explorar temas como a banalização do mal, a identidade na era líquida e as implicações éticas da tecnologia. Uma representação das distopias pode ser a perda da liberdade individual, a fragmentação de identidades e a sensação de impotência diante de sistemas opressivos. Estes componentes refletem o ponto de vista de Bauman sobre a vulnerabilidade humana e o fato de que as pessoas não têm controle sobre seu próprio destino. Nessas circunstâncias obscuras, a confiança nas instituições, nos governos e na tecnologia é abalada, o que leva a uma desconfiança generalizada, a causa de regimes autoritários, manipulação da verdade e controle excessivo. Esses problemas estão relacionados às preocupações de Bauman. Ademais, os personagens nas distopias são geralmente solitários, desconfiados e incapazes de estabelecer relacionamentos estreitos, o qual pode ser interpretado como uma manifestação da insegurança e vulnerabilidade que Bauman aponta em nossa sociedade líquida.

Berchez (2023) fala sobre o "*Panorama Histórico-Contextual da Ficção Distópica*" onde ela aborda a complexidade de enquadrar a distopia como um gênero literário, destacando a diversidade de interpretações e definições pelos estudiosos no decorrer dos anos. Ao fazer uma análise histórica, destaca-se a origem etimológica do termo "distopia" e sua transformação em um estilo literário no século XX, principalmente associado às adversidades e dilemas daquela época. Referindo-se a obras clássicas e emblemáticas, como "1984" de George Orwell e "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley, como essenciais para a evolução desse tópico.

Essas obras tinham todas algo em comum: convidavam a refletir sobre a massificação e sobre as ideias de liberdade a ela aderidas, enfim, sobre a liquidação da privacidade, da opinião pública e do direito à dissidência, apresentando vários pontos de convergência com as preocupações de Arendt. Prestaram-se, ao mesmo tempo, às mais diversas interpretações, como as que as associavam caricata e unilateralmente ao comunismo soviético, ou mesmo ao finado nazismo. Mas, por isso mesmo podiam ancorar conversas elásticas sobre nossos rumos políticos, mais interessantes, sem dúvida, que aquelas baseadas na crença na neutralidade política do desenvolvimento tecnológico e científico. (LYRA, 2011, pp. 104-105)

Podemos observar que a distopia surge como um importante instrumento para questionar e desafiar normas já estabelecidas. Os escritores frequentemente projetam futuras sociedades onde as bases sociais, políticas e econômicas se distorcem, se tornando opressivas e até tirânicas. Esses universos distópicos atuam como reflexos exagerados da nossa realidade, incentivando uma reflexão mais aprofundada e instigante sobre questões sociopolíticas atuais. É nesse cenário que a obra de Hannah Arendt ganha ainda mais destaque. Ao investigar os mecanismos de controle presentes em governos totalitários, ela nos convoca a ponderar sobre os riscos da manipulação psicológica e da disseminação de propaganda, além de ressaltar a importância da resistência crítica para salvaguardar a liberdade e a autonomia pessoal.

---

<sup>3</sup>Huxley, A. 2001, p. 280.

Tal como as utopias, as distopias são não-lugares, são realidades criadas em sociedades futuras, *diegese*: (Jacoby, R. 2001, p. 141) “Com Utopia refiro-me aqui não só a uma visão de uma sociedade futura, mas a uma visão pura e simples, uma capacidade, talvez uma disposição para usar conceitos expansivos para enxergar a realidade e suas possibilidades”... O uso da palavra distopia surge como antinomia conceitual de um lugar utópico, de um lugar-desejo. Enquanto os projetos utópicos construíam em narrativas comunidades no devir que precisariam ser buscadas por homens e mulheres que anseiam por igualdades de classe, etnia, gênero etc., entre outros pontos cruciais na organização dessas sociedades, as narrativas distópicas aparentam servir, por uma “psicologia reversa”, à mesma função, mas demonstrando a partir de imagens apocalípticas, aonde não devemos chegar, o que não devemos deixar acontecer, características humanas que não devemos idolatrar, valores que não devemos seguir. (TONIN, 2015, pp. 48-49.)

Dentro dos livros de ficção notamos detalhes que submetem a óptica da realidade. Por exemplo, em “1984”, de George Orwell, os detalhes do uso da *Novilingua* para manipular e controlar pensamentos destacam como a linguagem pode ser usada como uma ferramenta de controle e supressão, questionando nossa compreensão da liberdade de expressão. Ou em um mundo distinto, como no livro “O Conto da Aia” de Margaret Atwood, a distopia criada por Gilead é caracterizada por rituais de cunho religiosos e símbolos distorcidos utilizados para legitimar a opressão das mulheres e reforçar o domínio patriarcal sobre a sociedade. Arendt observa que a experiência do terror, vivenciada de forma direta ou indireta, gera um estado de apatia e resignação no indivíduo. A constante ameaça à própria vida e à segurança da família leva à autocensura e à internalização das normas e valores do regime.

### **3.1 HANNAH ARENDT E O TOTALITARISMO: *Propaganda, a principal forma de disseminação de um governo totalitário.***

Hannah Arendt considerou o totalitarismo uma forma de governo inspirada na ideologia do terror. Esta definição refere-se a especificidade deste em relação a outras formas de autoritarismo, como a ditadura e a tirania. Arendt examina a ascensão de regimes totalitários e o papel do indivíduo na perpetuação de atrocidades. Ela cunhou o termo “banalização do mal”<sup>4</sup> para descrever como atos de extrema crueldade podem ser cometidos por pessoas comuns, muitas vezes sem plena consciência das graves consequências de suas ações. Em “*Origens do Totalitarismo*” podemos observar que, Arendt identifica-o como uma forma radicalmente nova de domínio, caracterizada pela manipulação das massas e a apropriação do Estado para manter controle total, enfatizando sua peculiaridade em destruir não apenas as capacidades políticas individuais, mas também grupos e instituições que formam as relações privadas da sociedade. No artigo (Alcantara; Ivano, 2010) “*Totalitarismo e Literatura*”<sup>5</sup> observa-se que essa discussão, a respeito da formação do regime, inclui a oposição do totalitarismo à liberdade, diálogo e isonomia na política, a abordagem da propaganda totalitária na organização das massas e a complexidade das formas de governo totalitário, envolvendo corrupção e controle estatal para auto-manutenção do regime.

---

<sup>4</sup>Arendt nos apresenta esse termo em seu livro *Eichmann em Jerusalém*.

<sup>5</sup>Totalitarismo e literatura: a distopia de George Orwell em 1984. É um artigo publicado por Alcântara e IVANO, no qual, possui uma presença muito influente dos livros de Hannah Arendt no decorrer da análise feita por estes.

Somente a ralé e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação. (ARENDR, 2013, p. 303)

Dadas as análises da autora, podemos concluir que, o totalitarismo não se limita à concentração de poder nas mãos de líderes ou partidos políticos, mas envolve também a lavagem cerebral intensiva da população e o uso sistemático do medo e do terror como ferramentas de controle. Arendt enfatiza que o totalitarismo combina dois fenômenos: o medo (a paralisia da ação individual) e o terror (a eliminação da liberdade e da capacidade de pensar). Estes fatores tornam o totalitarismo uma ameaça única e fundamental para outras formas de governo. No entanto, os leitores deste artigo, podem-se questionar como acontece o processo de instauração e “aceitação” do povo, e Arendt responde essa questão com uma simples palavra “propaganda”. Notamos durante seu texto que a argumentação diante da propaganda totalitária não se limita a transmitir informações. Ela busca, antes de tudo, criar uma realidade alternativa, moldada de acordo com os interesses do regime. Através da repetição constante de *slogans* e mentiras, a propaganda busca desconstruir o senso crítico do indivíduo, tornando-o mais receptivo à doutrinação oficial.

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. O totalitarismo não se contenta em afirmar, apesar de prova em contrário, que o desemprego não existe; elimina de sua propaganda qualquer menção sobre os benefícios para os desempregados. (ARENDR, 2013, p. 303)

A propaganda, nos regimes totalitários, é a ferramenta principal para a conversão da sociedade, mas, posteriormente, apenas a propaganda começa a se tornar obsoleta para manter a ideia convicta nas massas. Neste momento, entra em vigor a instauração da manipulação psicológica, a opressão através do medo assumindo o papel de ferramenta crucial para a perpetuação do poder totalitário. Ao mesmo tempo, em que essa se utiliza de métodos mais sutis, mas não menos eficazes, para controlar o comportamento e os pensamentos da população. O receio, cultivado com cuidado por meio de intimidação, violência e repressão, acaba se tornando uma ferramenta essencial para preservar a ordem e sufocar qualquer forma de oposição. Hannah, que presenciou diretamente as atrocidades do nazismo e do stalinismo, concentrou boa parte de seus estudos na investigação dos mecanismos de controle existentes em governos totalitários e em como essa dinâmica se reflete em sua teoria.

A propaganda é, de fato, parte integrante da “guerra psicológica”; mas o terror o é mais. Mesmo depois de atingido o seu objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada. Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente; na Alemanha nazista, chegou a ser expressamente proibida. Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário; o terror, ao contrário, é a

própria essência da sua forma de governo. Sua existência não depende do número de pessoas que a infringem. (ARENDR, 2013, p. 304)

O resultado da propaganda ditatorial é a tirania. Onde os supostos salvadores do povo são corrompidos tais quais os com poderes previamente estabelecidos. Na Saga de livros "Duna", acompanhamos um tratado sobre a natureza humana e os perigos de líderes carismáticos, no livro 1 homônimo à saga, observamos a construção do personagem Paul Atreides, o protagonista, herdeiro da Casa Atreides, ao enfrentar traições e perigos passa de um menino bom, inocente e carismático para eventualmente, um possível messias, cujo no decorrer da trama, se tornar líder da tribo nativa Fremen e lutar pela justiça e controle do planeta. No entanto, por conta da manipulação da verdade e influência das crenças religiosas, a luta por direitos antes considerada nobre, torna-se a busca incessante de poder e vingança. O que começa como uma história otimista e utópica de um herói, revela-se, na verdade, o nascimento de um tirano. O mundo fictício se assemelha muito ao que Arendt percebia sobre o totalitarismo, nos ensina que a verdade e a razão são ferramentas essenciais para combater a tirania. Através do debate aberto e da troca de ideias, podemos desmascarar as mentiras da propaganda e construir uma sociedade mais justa e democrática.

A história ensina que a subida ao poder e à posição de responsabilidade afeta profundamente a natureza dos partidos revolucionários. A experiência e o bom senso tinham o direito de esperar que o totalitarismo no poder perdesse aos poucos o ímpeto revolucionário e o caráter utópico, que o afã diário de governar e a posse do verdadeiro poder moderassem as pretensões do movimento e destruíssem gradualmente o mundo fictício criado por suas organizações. Afinal, parece ser da natureza das coisas que as exigências e as metas extremas sejam refutadas pela objetividade; e a realidade como um todo dificilmente é determinada pela tendência à ficção de uma massa de indivíduos atomizados. (ARENDR, 2013, p. 340)

#### **4. DOS CLÁSSICOS DISTÓPICOS DA LITERATURA: FICÇÃO CIENTÍFICA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL**

A noção de construção social abarca as normas, valores e crenças que emergem e circulam, moldando a maneira como indivíduos interpretam e se relacionam com o ambiente que os cerca. Para (Berger; Luckmann, 2014) "A realidade é sempre e em todo lugar socialmente construída". Portanto, estas estruturas são moldadas pela cultura, história, política e economia de uma sociedade e desenvolvem-se ao longo do tempo e do lugar. O comportamento humano é determinado através de uma consciência intencional, ou seja, quando nós pensamos em algo, por automático pensamos no que aquilo pode fazer, e não no objeto em si. Desta maneira, o funcionamento em sociedade reflete o que nós podemos fazer com o que é oferecido a cada indivíduo.

Desse modo, a construção social da ficção científica torna-se um assunto fascinante. Entende a conexão entre a imaginação criativa e as questões sociopolíticas, o que possibilita aos escritores explorar realidades para além do dia a dia. Além de representar os anseios e preocupações da época presente, também têm a capacidade de antecipar eventuais evoluções futuras, criando assim um solo fértil para a reflexão acerca do destino da humanidade. Frequentemente utilizando a ciência e a tecnologia como elementos impulsionadores de suas narrativas, esses escritos incentivam o público a refletir sobre desafios éticos, morais e existenciais. As metáforas presentes nas obras de ficção científica refletem o contexto histórico e social no qual foram concebidas.

Ao examinarmos os elementos internos de uma narrativa, como a presença de tecnologia futurista, alienígena ou distópica, conseguimos ter uma melhor percepção das inquietações e anseios da sociedade em um dado período histórico. Além disso, ao adentrar em ambientes alternativos e especulativos, a ficção científica desafia os limites de nossa compreensão do universo e de suas potencialidades. Desse modo, ela

se revela não somente como um gênero literário ou cinematográfico, mas também como uma ferramenta para explorar a capacidade imaginativa humana, na qual não apenas reflete a realidade social, mas a enfrenta e redesenha, impactando nossa visão de mundo e as possíveis perspectivas futuras.

Há muito da ciência na literatura e assim nos aproximamos da literatura de ficção científica, mas aquela que antecipa possibilidades de futuro, baseada na história e, sobretudo, nas possibilidades científicas, mesmo que aparentemente crie o inverossímil, o não verdadeiro, ou até mesmo impossível. Nos deparamos com a ficção científica porque é através dela que se torna possível perceber aquilo que, extraído da ciência e da tecnologia, foi base para a construção de um imaginário, além de tudo o que foi criado nos textos literários e concretizado depois pela ciência. Tudo que saiu do plano do subjetivo e inventado para o universo do concreto e físico. (COUTINHO, 2008, p. 16)

#### 4.1. “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO”

Um elemento que se faz muito aparente nas obras estudadas é a falta de sentido que sobressai ao indivíduo. A perda da individualidade faz com que o pensamento coletivo induzido seja a única verdade cabível de existir. Em *Admirável Mundo Novo*, a sociedade é organizada em castas, e a busca pelo prazer e pela satisfação imediata é incentivada. A tecnologia e a manipulação genética são usadas para controlar as emoções e garantir a estabilidade social. Essa visão de um mundo onde a felicidade é superficial e a individualidade é suprimida ecoa as preocupações de Bauman sobre a fragilidade das relações humanas e a perda da liberdade; e em Arendt, a qual uma de suas preocupações era em alertar para os perigos do totalitarismo, onde a tecnologia é utilizada para suprimir a liberdade e a autonomia dos indivíduos, pois ela defende o uso da tecnologia apenas para promover a liberdade e a participação democrática.

Nessa obra, o Estado Mundial revela características distintivas do totalitarismo, conforme explicado por Arendt. O domínio absoluto da informação, a manipulação da população por meio de propaganda e ensino, a repressão da individualidade e a exclusão da oposição são aspectos fundamentais desse regime. A representação do Fordismo como um líder supremo adorado e sempre presente simboliza a centralização do poder em uma única entidade. A ligação entre os conceitos de totalitarismo e liquidez se reflete na formação de um sistema social que é ao mesmo tempo rígido e flexível. O regime controla as mentalidades e ações dos indivíduos, ao mesmo tempo em que os encoraja a adotar mudanças e consumir produtos e serviços sem questionamentos. A liberdade individual é reprimida, porém a sensação de liberdade é mantida por meio da oferta de prazeres superficiais e manipulação psicológica.

Dentre muitas das analogias feitas durante a trajetória da obra, existem passagens que deixam muito explícitas as influências que podem ou não ter contribuído para o processo criativo de Huxley. Dentre essas, o dilema atribuído à Schopenhauer “*A vida é uma constante oscilação entre a ânsia de ter e o tédio de possuir*”<sup>6</sup>, acompanha dois dos personagens principais Bernard Marx<sup>7</sup> e John o Selvagem<sup>8</sup>, no decorrer da história. O primeiro, por sua vez, sonha e questiona o comportamento social que ele considera frívolo, e possui o ímpeto de querer explorar a vida e prazeres humanos como os conhecemos, e não mas os induzidos por soma<sup>9</sup> e condicionamento, até que quando lhe vem a oportunidade de viver em um mundo livre,

---

<sup>6</sup>Schopenhauer, Arthur. Essa frase é estritamente atribuída ao autor, mas não é diretamente dita por ele em seus escritos, por sua vez, é uma interpretação de terceiros diante de seus conceitos.

<sup>7</sup>Protagonista da primeira parte do romance, é um especialista em treinamento do sono e trabalha no Centro de Incubação e Condicionamento de Londres. Apesar de pertencer à casta Alpha Plus, um acidente de álcool durante a fase de desenvolvimento embrionário causou alguma atrofia em suas habilidades.

<sup>8</sup>Protagonista da segunda parte do romance, filho do Diretor e Linda, criado na Reserva Selvagem após sua mãe ser deixada para trás. Seu conhecimento vem de Shakespeare, referindo-se ao Estado Mundial como “Admirável Mundo Novo”. Sua moralidade mistura costumes da Reserva com valores shakespearianos, vendo sua mãe como uma figura influenciada pelo Estado Mundial.

sem todas as suas “comodidades”, o mesmo entra em um estado de *psiquê* de completo pânico e desespero, como podemos observar

“Mandar-me para uma ilha, a mim? - levantou-se de um pulo, atravessou a sala correndo e se pôs a gesticular diante do Administrador.- O senhor não pode me mandar para uma ilha. Eu não fiz nada. Foram os outros. Juro que foram os outros - apontou Helmholtz e o Selvagem com um dedo acusador. - Oh, por favor, não me mande para a Islândia. Prometo fazer tudo o que devo. Dê-me outra oportunidade. Por favor, dê-me outra oportunidade! - as lágrimas começaram a correr. - Foi culpa deles, asseguro-lhe - disse, soluçando. - E não para a Islândia. Oh, eu suplico a Vossa Forzeza, por favor... E, num paroxismo de abjeção, atirou-se de joelhos aos pés do administrador. Mustafá Mond tentou fazê-lo levantar; mas Bernard persistiu em sua postura aviltante, e o fluxo de palavras continuou, inesgotável. Por fim, o Administrador teve de tocar a campainha para chamar seu quarto secretário. (HUXLEY, 2001, p. 271)

Passando para a segunda persona, John o Selvagem, é fruto de uma mistura cultural do mundo civilizado e a cultura dos selvagens, diferente de todos os personagens do livro, seu nascimento e maturamento não foram processados no centro de civilização, ou seja, ele não possui uma casta, tão pouco o comportamento condicionado que é aplicado. Durante toda a sua vida ele sonhou com as histórias que sua mãe contava sobre o novo mundo, já que para os selvagens da reserva, ele era apenas um forasteiro, não sendo incluído nos ritos e celebrações. A falta do ser e pertencer a algo e algum lugar consumiam seu ócio, contudo ao ser inserido no novo mundo, percebeu ser mais do mesmo. Em um diálogo com o Administrador, no final do livro, podemos observar que a crença em Deus, para o Selvagem, é a resposta de todo o sofrimento, e já para os Civilizados, Deus não passa de uma crença ultrapassada que não se encaixa mais

- Retrucou o Administrador sarcasticamente - Cremos nas coisas porque somos condicionados a crer nelas. A arte de encontrar más razões para aquilo em que se crê por outras más razões, isso é filosofia. as pessoas creem em Deus porque foram condicionadas para crer em Deus. - Ainda assim, insistiu o selvagem - é natural crer em Deus quando se está só, completamente só, à noite, pensando na morte... - Mas agora nunca se está só - disse Mustafá Mond. - Fazemos com que todos detestem a solidão, e organizamos a vida de tal forma que seja quase impossível conhecê-la. - O Selvagem concordou inclinando a cabeça com tristeza. Em Malpaís, sofrerá porque o haviam excluído das atividades comunitárias do pueblo; na Londres civilizada, sofria porque nunca podia fugir dessas atividades comunitárias, nunca podia estar sossegado e só. (HUXLEY, 2001, p. 280)

Com isso, levanta-se a questão: Estar só, em meio a tantas outras pessoas, nos causa mais ânsia de solidão quando não podemos possuí-la? Dentro da ficção, observamos que a ânsia à solidão abre esse espaço para que os governos totalitários ocupem o cotidiano dos indivíduos, dando às pessoas um propósito pelo qual viver, ainda que para nós, pareçam errôneos e desumanos. Em (Huxley, 2001, p. 64) “Estabilidade - disse o administrador - Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social, não há estabilidade social sem estabilidade individual”. Ou seja, a repressão das emoções vividos no livro através da indução ao

---

<sup>9</sup>Soma é uma droga usada pelos personagens do livro a qual bloqueia emoções como dor, tristeza e raiva, com cores diferentes para diferentes emoções. Altas doses podem causar alucinações.

condicionamento comportamental e a privação de sentimentos causadas pela soma, são as ferramentas principais para conter a sociedade nesse universo, para que ela continue estável. O caos não possui espaço, apenas a ordem é aceita. Existem inúmeras maneiras de interpretar, pois leituras sempre geram indagações subjetivas, no entanto, usaremos as palavras de Edgar Lyra para elucidar uma forma de caráter científico e social perante essa obra.

Fundem-se nessa obra elementos múltiplos – psicológicos, estéticos e biológicos – para ilustrar uma impressionante aniquilação da pluralidade humana, no caso, através de uma estratificação genética rigidíssima da sociedade, programada de modo que cada um dos “cidadãos” deseje, desde o nascimento, apenas o que lhe foi prescrito e nada diferente disso; seria justamente essa conduta programada a condição da felicidade individual, tanto quanto da coletiva. Qualquer imprevisto poderia, ademais, ser corrigido pela ingestão de soma, droga sem efeitos colaterais e capaz de afastar toda inquietação crítico-interrogativa, enfim, toda sombra de angústia. Ainda assim, Bernard Marx, personagem principal, se sente insatisfeito com o estado de coisas em que vive. A história se desenrola a partir da imprevisibilidade da sua ação. (LYRA, 2011, p. 104)

No Admirável Mundo Novo, a felicidade é atingida por meio do consumismo, do lazer e da manipulação psicológica. As pessoas são sedadas com substâncias que as mantêm dóceis e contentes, mesmo que isso implique renunciar à sua liberdade e autonomia. Arendt, por sua vez, argumenta que a verdadeira felicidade não reside no consumismo ou na manipulação, mas sim na ação independente e na participação na esfera pública. Para ela, a felicidade está diretamente associada à responsabilidade e ao comprometimento com o bem coletivo.

#### 4.2 . “1984”

No universo de “1984”, ambientada em uma Londres, onde na fictícia é denominada como Oceânia, a noção de individualidade é reprimida; os indivíduos são alienados de suas identidades e vivem em constante medo do Grande Irmão<sup>10</sup>. O Partido procura dominar o pensamento e as emoções dos cidadãos, transformando-os em simples peças de um jogo de poder, através de vigilância constante, propaganda incessante e manipulação da história. A comunicação é controlada pela *Novalingua*<sup>11</sup>, limitando a capacidade de expressão crítica e pessoal. As pessoas são tratadas como números, sem nomes ou identidades próprias, facilitando seu controle e descarte. A obediência cega ao Partido e ao Grande Irmão é a regra suprema. A administração do Governo se dava através de diversos ministérios ligados a um senso de caráter e sentimento, como o *Ministério da Verdade*, o *Ministério do Amor* e a *Polícia do Pensar*, que através das ordens o Partido manipula a informação, reescreve a história, elimina opositores e impõe sua ideologia com punho de ferro (Orwell, 2021, p. 49) “*Nunca mostre desânimo! Nunca mostre ressentimento!*”, pois à qualquer sinal de sentir, a condenação à morte torna-se inevitável. Em uma passagem nos leva a crer que os sentimentos tinham uma natureza primitiva, e isso colocava em jogo a devoção ao partido

O Ministério do Amor: Era um lugar impossível de entrar, exceto para assuntos oficiais, e então apenas através de um labirinto de emaranhamentos de arame farpado, portas de aço e ninhos de metralhadoras escondidos. Até mesmo as ruas que levavam para as barreiras externas eram vigiadas por guardas com cara de gorila em uniformes negros, armados com cassetetes. (ORWELL, 2021, p. 11)

---

<sup>10</sup>O Grande Irmão é um personagem que exerce controle total sobre a sociedade.

<sup>11</sup>Também conhecida como *Novafala*, *Novidioma*, é um idioma fictício criado e utilizado pelo Partido no regime totalitário da Oceania. Onde existe a condensação e remoção de algumas palavras gerando a perda do seu sentido.

Assim como em Arendt, dentro dessa obra a propaganda e o medo são instrumentos cruciais para o controle do regime. Através de *slogans* repetitivos, como (Orwell, 2021, p. 10) “*Guerra é paz. Liberdade é Escravidão. Ignorância é força.*”, notícias falsas e distorções da realidade, o Partido busca moldar a percepção da população sobre o mundo, eliminando qualquer questionamento à sua autoridade. Por meio da repressão brutal e da tortura, o Partido elimina qualquer oposição real ou potencial ao seu regime. Os “inimigos do povo”, àqueles que se opõem às regras, como Winston Smith<sup>12</sup>, são enviados para o Ministério do Amor, onde são submetidos a sessões de tortura física e psicológica até que confessem seus crimes e abracem completamente a ideologia do Partido.

Curiosamente, o aviso do horário pareceu-lhe renovar o espírito. Ele era um fantasma solitário murmurando uma verdade que ninguém jamais ouviria. Mas desde que ele a murmurasse, de alguma forma obscura, a continuidade não se quebraria. Não era se fazendo ouvir, mas mantendo a sanidade mental, que se daria continuidade à herança humana. Ele voltou à mesa, mergulhou a pena e escreveu: “*Ao futuro ou ao passado, a um tempo em que o pensamento é livre, quando homens são diferentes uns dos outros e não vivem sozinhos - a um tempo em que a verdade existe, e o que está feito não pode ser desfeito: da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplipensar*”<sup>13</sup> - saudações!” (ORWELL, 2021, pp. 37-38)

A “Polícia do Pensamento” assegura a conformidade através de tortura física e psicológica, eliminando qualquer divergência ou pensamento independente. Em “1984”, a vigilância é constante e implacável monitorada pelas teletelas<sup>14</sup> presentes em todas as casas e locais públicos. O clima de constante medo de punição e incentivo à denúncia cria uma atmosfera de paranóia e desconfiança, em que o individualismo é penalizado e a traição se torna a norma vigente (Orwell, 2021, p. 79) “*A menor coisa poderia lhe denunciar. Um tique nervoso, um ar distraído de ansiedade, um hábito de resmungar para si mesmo - qualquer coisa que levasse consigo a sugestão de anormalidade, de ter algo a esconder*”. Em Marx, essa repressão da oposição se assemelha à repressão do movimento operário no sistema capitalista, onde utilizam diversos mecanismos para silenciar e controlar os trabalhadores que reivindicam seus direitos

No livro “*Eichmann em Jerusalém*”, Arendt conceitua a banalidade do mal como a capacidade de pessoas comuns praticarem atrocidades sem dilemas éticos ou arrependimento, e defende que Eichmann, importante na logística do Holocausto, não era um monstro cruel, mas sim um indivíduo comum que colaborou com o regime nazista através da obediência cega e da falta de reflexão crítica sobre suas ações. Nessa obra de ficção, observamos que Orwell insere elementos semelhantes à banalidade do mal descrita por Arendt. Os personagens, desumanizados pelo regime totalitário e submetidos à constante pressão por conformidade, se tornam cúmplices de atos cruéis e imorais sem questionamentos, a banalidade do mal não se manifesta apenas na ação individual, mas também na estrutura do próprio regime.

Nesse contexto de desumanização e conformidade totalitária, a banalidade do mal se revela. (Orwell, 2021, p. 38) “*O crimepensar não gera a morte: o crimepensar É a morte*”. Os cidadãos, imersos em um ambiente de medo e submissão, tornam-se cúmplices do sistema, denunciando uns aos outros e internalizando as regras opressoras. Indivíduos como Winston Smith e Julia resistem à opressão do Partido, porém é uma batalha perdida. A máquina totalitária os esmaga, tortura e os obriga a abdicar de sua humanidade, convertendo-os em peões do regime. A tortura e os assassinatos passam a ser praticados sem remorso ou imposições, tornando-se atos corriqueiros e banalizados. No decorrer do livro acontece um evento denominado os “dois minutos de ódio”, responsável por representar o momento de integração do

---

<sup>12</sup>Personagem principal do livro.

<sup>13</sup>Representa a capacidade dos indivíduos de simultaneamente manter crenças contraditórias em suas mentes.

<sup>14</sup>Dispositivos que não podem ser desativados pelos cidadãos, os quais monitoram cada movimento e cada palavra todos os dias.

grupo promovida pelo Partido, em que através de um instante diário de catarse, por meio da violência, os *camaradas*<sup>15</sup> sentem-se pertencentes a uma comunidade e possuidores de uma identidade, já que todos possuem um inimigo comum: Emmanuel Goldstein<sup>16</sup>.

Ainda nesta obra, existem dois outros elementos que voltam à discussão anterior do texto, a perda do eu e a falta de sentido representando os perigos do totalitarismo e da desumanização, são consequências inevitáveis não só da opressão totalitária, bem como são privados de sua individualidade e autonomia, sendo transformados em meros instrumentos do regime. Essa alienação se assemelha à alienação do trabalho que é retratado em Marx sobre o sistema capitalista, onde os trabalhadores são alienados do produto de seu trabalho, de sua própria humanidade e da comunidade social. Esses temas centrais permeiam a narrativa e definem a existência dos personagens. A falta de liberdade de pensamento e a constante vigilância impedem-os de desenvolverem suas próprias crenças e valores, tornando-os apáticos e alienados da própria existência. Acompanhando Winston observamos seu conflito interno perante o comportamento assumido por todos a sua volta, incluindo ele próprio. E novamente, a falta do sentido é preenchida quando notasse que não se está sozinho

“Ele pegou o livro didático de história e olhou para o retrato do Grande Irmão que formava o frontispício. Os olhos hipnóticos olhavam de volta para os dele. Era como se alguma força imensa pressionasse você - algo que penetrava dentro do crânio, quase batendo contra o cérebro, empurrando-o para longe de suas crenças, persuadindo-o quase, a negar as evidências de seus sentidos. No fim, o Partido anunciou que dois mais dois dava cinco, e você teria que acreditar. Era inevitável que fizessem essa afirmação mais cedo ou mais tarde: a lógica da sua posição demandava isso. Não apenas a validação da experiência, mas a própria existência da realidade externa era tacitamente negada por sua filosofia. A heresia das heresias era o bom senso... Pois, afinal de contas, como nós sabemos que dois com dois é igual a quatro? Ou que a força da gravidade funciona de verdade? Ou que o passado é imutável? Se tanto o passado quanto o mundo externo existem apenas na mente, e se a própria mente é controlável, então o quê?. Mas não! Sua coragem pareceu endurecer de súbito por vontade própria. O rosto de O'Brien<sup>17</sup>, que não havia sido trazido por nenhuma associação óbvia, flutuou para dentro de sua mente. Ele sabia, com mais certeza do que antes, que O'Brien estava ao seu lado. “ (ORWELL, 2021, pp. 100 - 101)

(Orwell, 2021, p. 88) “Se há esperança, escreveu Winston, ela está nos proletários”. Dentro do livro observamos duas classes, os Camaradas que são integrantes do partido, e os Proletários, era a classe social com menor posição e inusitadamente ainda possuía certa liberdade porque o Partido os considerava em demasia ignorantes para representar algum perigo. Eles viviam no bairro proletário, proibido para qualquer um que não quisesse desrespeitar o Partido, e o único lugar onde ainda restava alguma coisa da vida antes da Terceira Guerra. Suas vidas, não possuíam importância, e em inúmeros momentos vemos como a existência dele, para com a sociedade, era considerada irrelevante.

---

<sup>15</sup>É dessa forma que se referiam uns aos outros, pois gênero e personalidade foram abolidos.

<sup>16</sup>Retratado como inimigo do Grande Irmão e supostamente o chefe de um grupo anti-Partido.

<sup>17</sup>Membro do Partido Interno que se aproxima de Winston com intuito de promover a revolução, mas posteriormente se revela um praticante fiel das regras.

O Partido ensinava que os proletários eram naturalmente inferiores e deveriam permanecer num estado de sujeição, como animais, com a aplicação de umas poucas regras simples. Na verdade, sabia-se muito pouco sobre os proletários. Não era necessário saber muito. Desde que continuassem a trabalhar e a se reproduzir, suas outras atividades não detinham importância alguma. Deixados por conta, como gado livre pelos pampas da Argentina, eles haviam retornado a um estilo de vida que parecia ser natural a eles, uma espécie de padrão ancestral. (ORWELL, 2021, p. 90)

O Partido detém o controle absoluto sobre todos os aspectos da vida social, política e econômica. Essa concentração de poder nas mãos de uma elite dominante se assemelha à análise marxista da relação entre capitalistas e trabalhadores. Segundo Marx, os capitalistas controlam os meios de produção e exploram o trabalho dos trabalhadores, gerando desigualdade social e alienação. Na Oceania, a população é submetida a um regime de trabalho forçado e constante vigilância. O Grande Irmão observa cada movimento dos cidadãos, garantindo a obediência e a produtividade. Essa extorsão do trabalho se assemelha à exploração da mão de obra no sistema capitalista, onde os trabalhadores são obrigados a vender sua força de trabalho em troca de um salário, muitas vezes em condições precárias e com jornadas exaustivas. (Orwell, 2021, p. 89) "Até se tornarem conscientes, nunca se rebelaram, e até se rebelarem, nunca se tornarão conscientes."

Embora "1984" não seja uma obra explicitamente marxista, ou até mesmo arendtiana, podemos encontrar diversas conexões com as ideias de Karl Marx sobre as relações de poder, a exploração, a repressão e a alienação; E com o autoritarismo e manipulação da verdade apresentados em Hannah Arendt. Dentro dessa análise e correlação, podemos compreender com mais profundidade os mecanismos de controle social e a opressão presentes na sociedade distópica da Oceania.

#### **4.3. UMA BREVE PONTE ENTRE A LITERATURA DE FICÇÃO E O REFLEXO NA ATUALIDADE: *Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo.*<sup>18</sup>**

Assim como os romances de época que acabam refletindo sobre o comportamento social diante das relações afetivas, a ficção científica mistura realidade e surrealismo para corporizar cenários muitas vezes considerados atuais. É dessa forma que elementos presentes nos livros de George Orwell, "1984" e "Revolução dos Bichos" são cada vez mais citados em teses e estudos sobre comportamento social e no debate sobre questões políticas. Para as crianças mais novas é muito mais interessante ler uma HQ (história em quadrinhos), ver uma animação que descreve estes elementos, do que estudar textos acadêmicos, porque estes, por outro lado, têm uma linguagem mais forte e uma reflexão filosófica mais profunda, assustando assim os jovens leitores.

A literatura, dentre diversas características únicas e peculiares, baseia-se na constante troca entre leitor, sociedade e obra literária. Ainda que no momento da construção de uma narrativa percebam-se os anseios, rumos e mensagens inseridas pelo autor na essência do texto, é somente após sua publicação que a obra ganha vida, sendo ressignificada pela sociedade e experiência individual de cada leitor. São as mudanças de rumo e interpretação de uma obra literária, observadas a partir de seu contato com o público, que modificam ou complementam visões de mundo, podendo interferir na maneira como uma comunidade

---

<sup>18</sup>Atwood, M. 2017. p. 57

enxerga a si mesma e o contexto em que vive, abrindo espaço para o debate e reflexão acerca dos mais diversos aspectos da realidade construída. (WAGNER, 2018, pp.50 - 51)

Com a implantação do novo ensino médio, podemos notar um tremendo déficit de conhecimento para os alunos nas áreas das Ciências Sociais, Filosofia e História. Ou até mesmo, antes dessas reformas, eram as disciplinas menos motivadas, tanto pela falta de docentes, quanto pelo currículo acadêmico pouco atrativo. Nesse momento é a literatura que passa a suprir algumas dessas lacunas. Um estudo muito interessante durante a pesquisa bibliográfica foi o achado de (Wagner, 2018), em "*Literatura de ficção-científica distópica para o ensino de Ciência, Tecnologia e sociedade*", onde a autora além de discorrer sobre o subgênero da ficção-científica, explora a possibilidade da aplicação de obras de ficção-científica como aplicação de ensino.

Uma vez que a ficção se estrutura como uma espécie de treinamento para os desafios do mundo, alertando sobre implicações e cenários de um futuro possível, além de transmitir conhecimentos e mensagens por meio de suas histórias, reconhece-se uma nova abordagem para o ensino de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Considerando o contexto atual em que a imprevisibilidade do futuro eleva-se para patamares inimagináveis e a técnica destaca-se por sua ambivalência latente, torna-se necessário fomentar ações que valorizem o exercício do pensamento crítico e relacionem campos do conhecimento com o intuito de ampliar a visão dos educandos. Neste sentido, objetivando-se ressaltar obras de ficção científica distópica cujas mensagens e conceitos seguem de encontro ao debate proposto pela perspectiva educacional CTS, desenvolve-se um produto que, muito mais do que fomentar seu emprego juntamente ao ensino, apresenta-se como base de pesquisa e consulta para o desenvolvimento de atividades e estratégias de docentes ligados a temática. (WAGNER, 2018, p. 63)

Fora do âmbito da educação, direcionando aos direitos humanos, de acordo com o cenário atual que se encontra globalmente caótico, notamos comportamentos criminosos e a retrogradação dos governantes perante suas nações. Particularmente no Brasil, onde a revogação dos direitos relacionado ao condenamento da mulher em casos de aborto presentes no projeto de lei nº 1.904/2024, onde desconsidera toda a dor da mulher e criança tanto por sofrer o crime de estupro, quanto, de acordo com o projeto, de ser criminalizada por escolher não continuar com a possível gestação. Nos transporta para cenário ainda mais precário do que quando foi aprovado o artigo 128 do Código Penal Brasileiro, garantindo esses direitos em casos de estupro, no ano de 1940. Se nos fosse pedido para comparar tamanho retrocesso à uma obra literária, podemos equipará-lo à ditadura patriarcal em "*O Conto da Aia*".

Esse romance é ambientado em uma distopia onde as mulheres são oprimidas e a liberdade não é mais um direito, essa trama aborda a maneira como as experiências dolorosas podem deixar marcas profundas, mesmo que não sejam visíveis externamente. O Livro é ambientado em uma distopia que coexiste com o mundo atual, mas dentro de um país isolado. A sociedade é dividida por castas e o poder está retido aos Homens. As mulheres são separadas por Aias, o qual o único dever é a procriação; as Marthas, direcionadas aos afazeres domésticos; as Tias que são as educadoras da submissão a essas mulheres; e as Esposas, responsáveis por administrar os lares. Os três primeiros grupos são compostos por mulheres que foram sequestradas junto com suas filhas e levadas à força para esse novo mundo.

Dentro desse universo, as mulheres além de sequestradas, separadas de suas famílias e escravizadas, são obrigadas a sofrerem violências psicológicas, agressões físicas, torturas e estupros, em prol do funcionamento dessa sociedade. Desse modo, podemos observar que a dor, uma vez passada, deixa uma espécie de sombra na pessoa, não apenas na ficção, mas também na vida real, traumas acometidos não são facilmente esquecidos ou ignorados. Através dessas manutenções errôneas e equivocadas, nos encontramos ainda mais perto de vivenciar os futuros distópicos presentes na literatura, uma passagem que define essa agonia, em (Atwood, 2017. p. 118) “Mas quem pode se lembrar da dor, uma vez que passa? Tudo o que dela resta é uma sombra, não na mente nem isso sequer, na carne. A dor marca você, mas de maneira profunda demais para que se possa ver. Longe dos olhos, longe do pensamento.”

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: *"Homens que não pensam são como sonâmbulos"*<sup>19</sup>

O gênero ficção-científica, é capaz de gerar inúmeros universos incríveis e curiosos, que desbravam a *psique* humana. A literatura, assim como os jogos, filmes e animações, surge como uma válvula de escape para as mentes que ficam instáveis e inquietas com o cotidiano. Muitos jovens que se tornam adultos relatam por aí o quanto se apoiar nesse gênero trouxe conforto, seja por problemas enfrentados dentro de casa com suas relações familiares, ou a exclusão sofrida no ambiente escolar. A análise do comportamento humano de fato é condicionada a encontrar um lugar feliz para habitar, quando seu lugar de origem já não proporciona conforto.

Durante o desenvolvimento, foi observado que a ficção científica, ao abordar temas como despotismo, distorção da realidade e da individualidade, se posiciona como um meio influente para refletir ponderadamente sobre a sociedade contemporânea. Por intermédio da análise feita das obras, utilizando as reflexões de Arendt quanto ao totalitarismo; Bauman e a liquidez social com a perda de sentido; e Marx com sua análise crítica do capitalismo e relações de produção como a base da estrutura social, podemos identificar os perigos do autoritarismo, da manipulação social e da perda da liberdade, e assim fortalecer a luta por uma sociedade mais justa e democrática.

O intuito dessa pesquisa, foi mostrar que além de em algumas vezes a influência dos conflitos reais serem estampados de forma explícita nos livros, também podem aparecer com nuances de sutileza. A ficção e a não-ficção andam em uma linha tênue, separadas por um fino véu. O que antes seria possível apenas nos livros, hoje nos ataca de maneira feroz. É um ciclo contínuo, cujo permanecem vestígios, assim como a maturação do corpo desde o nascimento até a velhice. As mudanças são evidentes, em alguns casos nos tornam irreconhecíveis, mas ainda permanece o traço, ainda fica resquícios da essência.

Talvez todos nós estejamos propensos a cometer os mesmos atos registrados no passado de nossa história, contudo, nunca na mesma intensidade. Nos dias atuais podemos observar uma devastação de catástrofes não naturais. O aumento da criminalidade. A taxa abusiva dos produtos básicos para subsistência humana; entre outros absurdos ou não que enfrentamos todos os dias. São essas pequenas reflexões que nos tornam capazes de mensurar os impactos que nossa sociedade tanto causa, quanto sofre. Não obstante, reverbera em nossos pensamentos o mesmo sentimento cuidadosamente descrito em: (Atwood, 2017. p. 208) “Vai correr tudo bem, eu disse, supliquei em minha cabeça. Ah, permita que sim. Permita que atravessamos. Só desta vez eu farei qualquer coisa. O que pensei que pudesse fazer por quem quer que estivesse ouvindo aquilo que fosse de alguma utilidade ou sequer de algum interesse jamais saberei”. A esperança de um futuro melhor é, por sua vez, algo que nunca se apagará por completo. Mas um futuro com características distópicas se apresenta cada vez mais palpável.

---

<sup>19</sup>Arendt, Hannah. 1999.

## REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. Companhia de Bolso, Ed. de bolso, 2013.
- ARENDETT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BERCHEZ, Amanda. **Sobre História e Teoria da Ficção Distópica**. Revista de Estudos de Cultura, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 23–38, 2022. DOI: 10.32748/revec.v2i17.17190. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/17190>>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- BERGER, P. L. LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 36ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre Utopia**. Cult., São Paulo, v. 60, n. spe1, p. 7-12, Julho 2008. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07 de junho de 2024.
- CISCATI, Rafael. Brasil de Direitos, 11/06/2024. Disponível em : <<https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/pl-que-criminaliza-aborto-pode-punir-mulher-com-pena-maior-que-para-estuprador>> Acesso em 17 de Jun. 2024
- COUTINHO, Andréa. **Ficção Científica: Narrativa no Mundo Contemporâneo**. Revista de Letras, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/article/view/27> >. Acesso em 12 de Jun. 2024.
- DE ALCANTARA, Luana Rafaela; IVANO, Rogério. **Totalitarismo e literatura: a distopia de George Orwell em 1984**. Londrina, 2010. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 27, n. 53, p. 113-128, jul. 2018. ISSN 2596-2809. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/234>>. Acesso em: 20 out. 2023.
- HERBERT, Frank. **Duna: Livro 1**. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Editora Aleph, 2017.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução Vidal de Oliveira. 21. São Paulo: Editora Globo, 2001.

**LYRA**, Edgar. **Hannah Arendt e a ficção científica. O que nos faz pensar**,[SI], v. 20, n. 29, p. 97-122, maio 2011. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/330>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

**MARX**, Karl. **ENGELS**, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

**MORE**, Thomas. **Utopia**. Tradução de Luís de Andrade. 2º ed. São Paulo: Edipro, 2022.

**ORWELL**, George. **1984**. Tradução de Luisa Geisler. São Paulo: Novo Século Editora, 2021.

**TONIN**, Thays. **Os fantasmas da modernidade e as imagens distópicas em quadrinhos e outras artes**. 2015. 162 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2015. DISPONÍVEL EM: <(PDF) [TONIN, Thays. Os fantasmas da modernidade e as imagens distópicas em quadrinhos e outras artes. \(2015\) | Thays Tonin - Academia.edu](#)>. Acesso em: 22 mai. 2024.

**UTOPIA**. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: < [Utopia - Dicio, Dicionário Online de Português](#) >. Acesso em: 07 jun. 2024.

**Wagner**, Izabel Cristina. **Literatura De Ficção Científica Distópica Para O Ensino De Ciência, Tecnologia E Sociedade**. CURITIBA, 2018. DISPONÍVEL EM: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/328>>. Acesso em: 20 out. 2023